



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

AMISSÃO JORGE NHIRACÓ

**ENTRE O *MPAM-PAM* E O CAJUEIRO: AS IMPLICAÇÕES DA PRODUÇÃO DE
CAJU PARA O CULTIVO DE ARROZ *MPAM-PAM* COMO MODO
DE VIDA DOS BIJAGÓ NA ILHA DE SOGÁ**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

AMISSÃO JORGE NHIRACÓ

**ENTRE O *MPAM-PAM* E O CAJUEIRO: AS IMPLICAÇÕES DA PRODUÇÃO DE
CAJU PARA O CULTIVO DE ARROZ *MPAM-PAM* COMO MODO
DE VIDA DOS BIJAGÓ NA ILHA DE SOGÁ**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Palermo Buti.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

AMISSÃO JORGE NHIRACÓ

**ENTRE O MPAM-PAM E O CAJUEIRO: AS IMPLICAÇÕES DA PRODUÇÃO DE
CAJU PARA O CULTIVO DE ARROZ MPAM-PAM COMO MODO
DE VIDA DOS BIJAGÓ NA ILHA DE SOGÁ**

Projeto de pesquisa apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Data de aprovação: 29/06/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Palermo Buti (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ismael Tcham

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Bas'Ilele Malomalo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	PROBLEMA DA PESQUISA	8
2.1	OBJETIVOS	8
2.2	OBJETIVO GERAL	8
2.3	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3	JUSTIFICATIVA	9
4	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4.1	ALGUNS ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA ILHA DE SOGÁ	10
4.2	A RELAÇÃO DO POVO DE SOGÁ COM A NATUREZA	11
4.3	A CENTRALIDADE DO ARROZ	12
4.4	CAJU PARTICULAR, ARROZ COLETIVO	14
5	METODOLOGIA	15
6	CRONOGRAMA	16
	REFERÊNCIAS	17

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto pretende pesquisar saberes e práticas tradicionais na ilha de Sogá relacionadas à agricultura. A ênfase recairá sobre o cultivo do arroz, e em especial, as transformações derivadas de seu sistema de produção diante do aumento do extrativismo da castanha de caju. O estudo situa-se no Arquipélago dos Bijagós, localizado na costa Atlântica ao sul da Guiné Bissau, na foz do rio Gerba¹. O arquipélago é composto por 88 ilhas, grandes, médias e pequenas, que diferem entre si não somente pela extensão dos territórios, mas pelo tipo de habitação, que pode apresentar *tabancas*² ou aldeias permanentes dos bijagós, pode servir de lugar temporário ou somente em épocas chuvosas para práticas agrícolas e ritualísticas (CANTO, 2020). Apenas 21 das 88 ilhas são habitadas. O arquipélago apresenta uma baixa densidade populacional, com tendência de diminuição em decorrência de processos migratórios de seus habitantes para a capital Bissau (Guiné-Bissau) em busca de outros tipos de vida (CARDOSO, 2013). As povoações destas ilhas falam majoritariamente a língua Bijagó.

Figura 1 - Localização da ilha de Sogá no Arquipélago dos Bijagós



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquip%C3%A9lago_dos_Bijag%C3%B3s (Adaptação do autor).

¹ Com área de 2.624km², o arquipélago se localiza entre “10° 36’ e 11° 37’ de latitude Norte e 15° 36’ e 16° 29’ de longitude Oeste (CARDOSO, 2010: 02)

² *Tabanca* nome usado na língua Criola, para designar um território delimitado pela organização social política, marcado pela dinâmica da própria comunidade.

Sogá é uma das ilhas deste arquipélago localizada entre as ilhas de Formosa, Uracan, Rubane e Bubaque. Administrativamente pertence à região nacional de Bolama-Bijagós e ao setor de Bubaque (CARDOSO, 2010)³. De acordo com Gorne (2019), o povo de Sogá é estimado em 1.200 pessoas, distribuídas em seis tabancas ou *neguéns* (aldeias), estas, consideradas unidades políticas religiosas e econômicas autônomas. Em uma *tabanca* vivem agrupadas famílias sujeitas a uma autoridade tradicional dos *Nghabongha* (anciões). Estas autoridades incluem o *Oronhó*⁴ (régulo), escolhido pela assembleia composta por altos dignitários, chefes de família clânicas. Durante o reinado, *Oronhó* é auxiliado no exercício das funções, geralmente por um *Cabongha* (ancião) dono de *tabanca* pertencente à linhagem matrilinear fundadora de aldeia, também dona de aldeia ou *motó* (terra/chão) (INDJAI, 2017).

São seis *neguéns*⁵ na ilha de Sogá. *Ancauqué* é a menos povoada, e está próxima do porto principal. Ali existem três casas e um centro de saúde. Durante o período colonial, este local era uma zona estratégica com entrepostos comerciais. Algumas ruínas das estruturas das paredes permaneceram até os dias atuais. Nas demais *neguéns* se encontra a maior concentração de habitantes. *Ancaminho* é a mais próxima de *Ancauqué*. Na parte central da ilha se agrupam *Ancubinh*, *Etamburó* e *Eticoba*. Esta última é considerada o centro da ilha e lugar de realização das atividades importantes de seus habitantes, onde vive régulo que representa a povoação da ilha Sogá. É também a aldeia onde eu ia passar as férias até aos meus 15 anos de idade e onde minha família reside atualmente. Por último, localiza-se *Ebége*, a mais distante do porto principal.

Em decorrência do modo de vida insular e da distância geográfica em relação ao continente, os Bijagós são considerados culturalmente distintos em relação a outros povos da Guiné-Bissau, incluindo aptidão especial em relação ao conhecimento náutico e construção de embarcações. Acredita-se que não são originários destas ilhas, que lhes serviram de refúgio. Teriam chegado depois de terem sido derrotados por outros povos do continente, e construído as suas aldeias no centro e nas margens das ilhas em plena floresta (CARDOSO, 2013; INDJAI, 2017).

No contexto colonial, eram considerados pelos portugueses povos guerreiros (DJALÓ, 2013). Para Simões (1935), mesmo sendo habitantes do arquipélago por séculos, tiveram contato com os povos antigos da Etiópia, Fenícia e Egípto. Muitos autores, como Cardoso

³ Além de Babuque, os demais setores do arquipélago de Bijagós são: Caravela, Uno e Bolama.

⁴ *Oronhó* uma categoria mais abrangente e não restrita ao régulo, podendo incluir mulheres com autoridade relacionada às questões comunitárias.

⁵ *Neguén* significa aldeia.

(2013), Djaló (2019) e Indjai (2017) levantam hipóteses sobre a origem dos bijagós, que é também por alguns tida como um mistério. Existem outros grupos étnicos guineenses que coabitam junto dos bijagós no arquipélago.

2 PROBLEMA DA PESQUISA

2.1 OBJETIVOS

Na Guiné Bissau, a castanha de caju tem ganhado status importante na agenda comercial do país, sendo seu maior produto de exportação (DANSÓ, 2023). A demanda internacional por este produto tem trazido riscos de super-exploração nos muitos territórios guineenses, incluindo na ilha de Sogá. Ali, algumas famílias já se tornaram dependentes do comércio de castanha de caju. Por isso, nas últimas décadas o plantio de cajueiro tem ocupado as terras tradicionalmente usadas pelas famílias para o cultivo do arroz mpampam. Por outro lado, a agricultura de mpampam continua a ocupar a parte mais notável da economia e do modo de vida em Sogá. Diante disso, levantamos uma questão central do trabalho: Quais são os efeitos e os impactos do plantio de cajueiros para as práticas tradicionais de cultivo do arroz entre os Bijagós da ilha de Sogá?

Além desta, temos as questões secundárias: Diante dos valores cada vez menores pagos pela castanha em decorrência do aumento da oferta, será que o povo de Sogá consegue manter sua economia através da comercialização de castanha de caju? As mudanças na política econômica de substituição das agriculturas (mpampam e cajueiro), contribuiu para que houvesse uma mudança significativa no modo de vida em Sogá? Partindo desta premissa (da substituição da agricultura), quais serão os efeitos em termos econômicos e ecológicos na vida familiar e na ilha?

2.2 OBJETIVO GERAL

- ✓ Identificar os efeitos do plantio de cajueiros para extração de caju nas práticas, territórios e saberes agrícolas relacionadas ao cultivo do arroz *mpam-pam*.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar a relação entre a organização política tradicional e as práticas agrícolas do povo de Sogá, com ênfase na produção de arroz *mpam-pam*;
- ✓ Descrever as habilidades, técnicas e o processo de cultivo do arroz *mpam-pam* na ilha de Sogá;
- ✓ Relatar as transformações nas paisagens da ilha de Sogá ocasionadas pelo plantio de cajueiros.

3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu no contexto da minha entrada na Unilab no ano de 2020, quando tive a ideia de escrever sobre os Bijagós da ilha de Sogá. No segundo semestre do meu processo formativo como estudante do Bacharelado em Humanidades, encontrei um trabalho de mestrado sobre os Bijagós de uma ilha próxima de Sogá chamada *Urok* na língua Bijagós, e *Formosa* em crioulo. Nesta ilha de *Urok* foi onde os meus pais viviam e foi também onde nasci. Atualmente vivem na ilha de Sogá, onde cresci, e este pertencimento motivou-me a desenvolver pesquisa sobre Sogá.

O estudo visa descrever a cultura tradicional existente em Sogá a partir de suas práticas de subsistência. Entendemos que é escassa a produção acadêmica sobre a ilha, levando em consideração que os modos de vida das populações do Arquipélago dos Bijagós são menos conhecidos do que outros grupos étnicos que habitam a zona continental. Neste sentido, o trabalho em curso enaltece o conhecimento acerca de Sogá, seus saberes e práticas.

Um estudo etnográfico sobre as relações do povo de Sogá com as práticas agrícolas é também de suma importância. Nesse sentido, pretende-se contribuir para valorizar as práticas tradicionais na segurança alimentar das populações guineenses. Sabemos da importância do arroz nos modos de vida de inúmeros grupos étnicos do país. Além disso, embora a castanha de caju seja o principal produto de exportação da Guiné Bissau, poucos são os estudos etnográficos sobre as implicações deste processo nos territórios, e sobre o quão ele pode acarretar transformações nos modos de vida tradicionais. Nessa perspectiva, o projeto pode contribuir para fomentar pesquisas do tipo em outros lugares do país. É importante esclarecer que este trabalho não pretende ser exaustivo, apenas apresentar descrição sobre o tema a partir de uma abordagem localizada.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A sociedade compreende um conjunto de pessoas que compartilham saberes culturais a partir de regras e experiências comuns (LEBUETHE, 2010). De acordo com Cardoso (2010), um povo é tradicional quando marcado pela partilha de um território a partir de uma consciência comunal. As aldeias da ilha de Sogá são habitadas por grupos sociais que partilham um sistema de gestão territorial baseado na cosmologia e na organização social. Ali, os clãs ou linhagens, conhecidos por *djorsons*⁶, são proprietários dos lugares e *tabancas* da ilha, e definem as regras ligadas aos diferentes usos do território e às formas de distribuição das terras. Isso inclui as práticas agrícolas, de pesca, coleta e criação de gado, que são regidas não somente pelos ciclos da natureza, mas pelos princípios da cultura. Para melhor compreender a mediação cultural na relação dos Sogá com a natureza, trataremos alguns aspectos da cosmologia e organização social dos habitantes da ilha de Sogá.

4.1 ALGUNS ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL NA ILHA DE SOGÁ

Todo *cabongha* (anceião) da ilha de Sogá acredita que descende do *Orebok*⁷ que deu origem às *nugús* (linhagens). As linhagens são importantes, pois dão privilégio de exercer diferentes cargos de acordo com o pertencimento (CARDOSO, 2010). A autora Paula Fortes explica a origem do mundo Bijagó.

Tudo começou assim: Deus, o Criador, existiu sempre, e no início, da vida foi criada a primeira ilha - a ilha de Orango - que era o mundo. Mais tarde chegou um homem e sua mulher, de nome Akapakama. Eles tiveram quatro filhas a que deram os nomes de Orakuma, Ominka, Ogubane e Oraga. A seguir surgiram os animais e plantas. Cada uma das filhas de Akapakama teve por sua vez, vários filhos, os quais receberam, por parte do avô, direitos especiais. Os de Orakuma receberam a terra e a direção das cerimônias nela realizadas, bem como o direito de fazer as estatuetas do Irã, tendo sido a primeira executada por Orakuma e feita à imagem de Deus. Este direito seria também dado por Orakuma às suas irmãs. Os de Ominka receberam o mar e passaram a ocupar-se da pesca. Os de Oraga receberam a natureza com as bolanhas e as palmeiras, o que lhes daria a riqueza. Os de Ogubane receberam o poder da chuva e do vento, podendo desencadeá-los, controlando assim o suceder das épocas da seca e da seca e das chuvas. Assim, as quatro irmãs desempenhavam funções diferentes, mas que se complementavam⁸ (FORTES, 2011: s/n).

⁶A palavra *djorson* equivale ao termo linhagem em língua portuguesa e significa grupo de indivíduos com a mesma ascendência e com relações consanguíneas.

⁷ *Orebok* entidade sobrenatural, espírito.

⁸Disponível em: <https://www.buala.org/pt/a-ler/bijagos-sociedade-matriarcal#> edn1 acesso em: 08.12.2021

Como mostra Fortes, os Bijagós consideram-se descendentes das quatro gerações (linhagens): *Orácuma*, *Ominca*, *Orága* e *Oguané*. Todas são filhas do criador (Deus supremo). Por isso, os Bijagós estruturaram suas sociedades com base nesse mito de origem do mundo. A presença das linhagens relacionadas às quatro mulheres evidencia, no plano cosmológico, dimensões de uma sociedade matriarcal. Camille Scholl (2017) traz a importância da mulher na religiosidade Bijagó, mostrando que a matrilinearidade é atrelada com um caráter religioso da mulher. A religião dá fundamento para o matriarcado entre os Bijagós.

Além disso, as faixas etárias são importantes na distribuição dos direitos e deveres Bijagó: desde quando nascem, as pessoas são diferenciadas de acordo com a idade. Para cada grupo etário existe uma denominação diferente entre homens e mulheres, e cada etapa é caracterizada pelo uso de indumentárias, músicas e danças que a identificam, além dos papéis exercidos, incluindo em relação à produção agrícola. Existe também uma relação de respeito e obediência total àqueles que lhe são superiores, os *nghabongha* (mais velhos).

Para ser um *Oronhó* (régulo), o indivíduo *homi garande* (mais velho) da aldeia tem que reunir as condições para tal, que são: ser bom e reconhecido, trabalhador, chefe de família, e o principal: que tenha realizado as cerimônias dos ritos de passagem que lhe conferem status social. Ele não pode violar as leis da comunidade que dirige, nem tomar alguma decisão sem consultar os anciões da aldeia e *Orebok* (entidade sobrenatural) que fica na *candjanghó* (lugar sagrado de culto religioso, onde ficam as entidades sobrenaturais), (INDJAI, 2017). Estes emitem opiniões sobre o assunto.

A condição para aquisição e acumulação de saberes junto dos anciões é a participação em alguns ritos de passagem, como *Manrás* e *Nghunhiok*. O primeiro tem duração variada, e é realizada por qualquer jovem que pretenda acender à fase seguinte. Para isso, ele deve prestar serviços e obrigações aos mais velhos em troca de educação e socialização. Já *Nghunhiok* são ritos cerimoniais de iniciação que marcam a entrada de uma pessoa na vida adulta. A transmissão de conhecimento se dá durante estadia prolongada em uma cabana no mato junto a outros jovens, sob controle e orientação dos que já passaram pelo processo. Diferente de outras etnias guineenses, o *Nghunhiok* não envolve a circuncisão ou excisão para homens ou mulheres (CARDOSO, 2013; INDJAI, 2017).

4.2 A RELAÇÃO DO POVO DE SOGÁ COM A NATUREZA

Para Tempels (2016), a busca de harmonia da comunidade é um princípio ético fundamental que organiza a visão de mundo africana. Ela é extensiva aos demais seres

habitantes do mundo. Outra característica que marca parte considerável das cosmologias dos grupos étnicos deste continente é o parentesco original entre humanos e a natureza (WIREDU, 1992), o que implica muitas vezes na atribuição de agência cultural a seres, forças, objetos e elementos vivos não humanos. Neste sentido, lugares, animais, rios e outros elementos naturais podem ser dotados de espiritualidade.

Essa característica de atribuir agência cultural ao mundo natural é denominada por Philippe Descola (1997) como modo “animimista” de objetificação da natureza. Segundo este autor, um outro modo de objetificação da natureza é o “naturalismo”, típico de sociedades que constroem suas noções de si e do mundo a partir da separação ontológica entre natureza e cultura. O naturalismo seria uma construção ideológica das sociedades ditas modernas, que tomam a “natureza” como um lugar apartado da cultura para justamente explorá-la.

Diferente do naturalismo, sociedades animistas organizam suas relações no mundo a partir da "crença de que os seres da natureza são dotados de princípio espiritual próprio" (DESCOLA, 1997: 256). Isso inclui lugares e atividades ligadas à produção de alimentos. Ainda que a formulação de Descola se dê a partir de estudos com povos indígenas da América do Sul, é possível correlacionar o conceito com as situações africanas. Entre os Bijagós, “o equilíbrio entre humanos e meio ambiente não é mantido por decisões conscientes, mas por um conjunto de padrões de comportamento marcado por valores étnicos, religiosos e pressões sociais” (INDJAÍ, 2017: 46).

Deste modo, a natureza, para os Bijagós, é um ente sagrado que mantém a relação religiosa e mítica entre os humanos e os demais seres vivos (CARDOSO, 2013; INDJAI, 2017). Na ilha de Sogá não é diferente, à exemplo de outros contextos africanos, seus habitantes orientam suas relações com a natureza a partir de dimensões cosmológicas (DOMINGOS, 2011; SCANTAMBURLO, 1978). Há, também, formas específicas de relação com a natureza para atividades produtivas, incluindo a agricultura. A seguir serão descritas algumas das práticas produtivas ligadas ao arroz à extração de caju que serão objeto de pesquisa.

4.3 A CENTRALIDADE DO ARROZ

Cultivar e nutrir-se de arroz é um hábito central para um Bijagó, inclusive de Sogá. No entanto, para este povo o arroz é importante não somente por ser o principal componente da dieta alimentar, mas pela centralidade em cerimônias rituais e trocas comerciais (BLATA, 2019; FRANÇA, 1995). Mesmo que o governo guineense tenha estabelecido nos últimos anos uma forte política de importação do arroz (tornando a produção nacional mais fraca), os

moradores de Sogá comem e utilizam o arroz que plantam, em especial, o arroz de sequeira chamado *mpam-pam*. A produção deste arroz em Sogá está ligada a uma agricultura itinerante e camponesa caracterizada por técnicas tradicionais de organização familiar. O que pode incluir, em alguns casos, pagamento pelos serviços prestados a quem trabalha na lavoura, sobretudo os jovens (SANÓ, 2020).

Toda família precisa de terra para seu cultivo. Cabe aos Oronhós (régulos) distribuí-las entre os moradores, inaugurando a data de início do ano agrícola (NAVARES, 2002; BOLAMA-BIJAGÓS, 1996). Esta distribuição é feita a partir das linhagens (*djorsons*) de pertencimento de cada família. Por isso, a prática do plantio de arroz é influenciada pelas relações culturais que estabelecem normas de exploração e uso das terras, bem como pelo sistema de organização política segundo o qual existe um responsável a quem compete o papel de legitimação do direito de exploração temporária de uma parcela de terra para esta ou aquela família.

O sistema agrícola tradicional de arroz é praticado de formas e em lugares diferentes, sendo o cultivo realizado em áreas secas ou nas bolanhas de águas doces. O primeiro consiste em uma técnica tradicional de limpeza de terra a partir da queima de formações vegetais nativas com o objetivo de produzir novas áreas de cultivo. Os restos da queima tornam a terra úmida e fértil. A fase da queima exige muito esforço físico, que normalmente ocorre de fevereiro a abril. Com o início das chuvas no fim de abril inicia-se o semeio do arroz, etapa que se finda em junho. Para isso, os homens seguram uma vara fazendo pequenas covas no solo, enquanto as mulheres desenvolvem o semeio botando as sementes naquela cova e as cobrindo com um pequeno pau que seguram no momento de semear. Portanto, nesta fase, as tarefas são divididas da forma equilibrada entre homens e mulheres (CANTO, 2020; CARDOSO, 2010; SCANTAMBURLO, 1978; FRANÇA, 1995).

Os períodos longos de cultivo sem aporte de nutrientes ou períodos muito curtos de pousio com fraca regeneração da vegetação (natural), podem ter como consequência a diminuição progressiva da produção. Por isso, os homens e mulheres que cultivam o *m'pam-pam* migram para as ilhas próximas desabitadas, como *Rubane e Angoroman* (CARDOSO, 2013). Nesse sentido, plantar arroz implica, também, deslocar-se entre as ilhas vizinhas, travar relações com diferentes lugares e saberes, incluindo o conhecimento náutico.

Já o cultivo realizado nas bolanhas de águas doces ocorre em menor frequência, sendo realizado no mesmo período. Nesta área, os trabalhos são pesados, e os homens acabam se envolvendo pouco. A fase da limpeza consiste na mechida da terra e feitura de réguas através

do uso de materiais como arados e enxadas. Ali serão plantadas as mudas de arroz nos espaços menores da bolanha. A planta vai crescer nessa área, e deve ser vigiada evitando os animais de estragar o cultivo. (SECA, 2020; FRANÇA, 1995).

4.4 CAJU PARTICULAR, ARROZ COLETIVO

A castanha de caju tem ganhado, nas últimas décadas, um status importante na agenda comercial da Guiné Bissau, sendo o maior produto de exportação do país (DANSÓ, 2023). Ainda que possa garantir renda extra às famílias extrativistas da castanha e garantir melhor segurança alimentar por meio do comércio (MENDES, 2017; BOLAMA-BIJAGÓS, 1996), a demanda internacional por este produto tem trazido riscos de super-exploração nos muitos territórios guineenses, incluindo na ilha de Sogá. A comercialização da castanha de caju acarretou o aumento das plantações desta árvore sobre boa parte das terras aráveis em Sogá, incluindo as tradicionalmente utilizadas para o arroz (FRANÇA, 1995).

Ou seja, o plantio de cajueiros vem invadindo os terrenos estratégicos para o cultivo de arroz. Em certa medida, o processo produtivo da castanha de caju, baseado na extração dos frutos e beneficiamento, é menos trabalhoso que o processo produtivo do arroz, que vimos demandar etapas difíceis para sua realização. A substituição de uma planta por outra tem implicação não somente ecológica, mas, também cultural, pois baseada em uma lógica privada, e não coletiva, de relação com a terra.

Quem planta um castanhal é dono dele e pode, assim, controlar de certa forma essa terra, tornando-a mais privada e menos coletiva. Isso tem acontecido inclusive após a colheita de *m'pam-pam*: o proprietário temporal do lugar aproveita para plantar cajueiro naquele espaço, tornando-o privado para benefício familiar ou individual. Essa prática de uso da terra tem se tornado frequente, contando que a cada época de cultivo de arroz algumas terras são privatizadas para exploração restrita do caju. Assim, a agricultura de sequeira está sendo substituída aos poucos pelo aumento da produção de cajueiro (FRANÇA, 1995).

Devido a isso, tem-se testemunhado a migração de alguns agricultores à procura de novas terras em outras ilhas, como havia mostrado acima. Este povo, no entanto, há séculos baseia sua organização territorial a partir da coletividade e dos princípios de distribuição das linhagens: que não prevê a apropriação privada de terras ou de qualquer outro recurso natural. De acordo com a lógica dos povoados de Sogá não se pode apropriar-se de nada que se encontra na terra, porque antes de ter nela nascido tudo já existia. Nesse sentido, a apropriação sobre um determinado espaço natural tem limite temporal restrito em benefício do coletivo.

5 METODOLOGIA

De acordo com Prodanov (2013: 26), por método podemos entender o caminho, a forma, o modo de pensar da pesquisa científica. Este autor ensina que a utilização do método depende da natureza do objeto que pretendemos pesquisar, do nível de abordagem do estudo e da inspiração do pesquisador. Nesse sentido, o projeto conjuga pesquisa de campo e análise bibliográfica sobre a produção de arroz e caju na Guiné Bissau e no arquipélago dos Bijagós. O estudo de campo, que consiste em ter objetivo de obter os conhecimentos, informações sobre o que estamos à procura de sua resposta ou do que pretendemos comprovar (PRODANOV, 2013; GIL, 1991). Ainda permite saber o estado atual do problema. Onde o pesquisador tem mais campo de manobra durante o período de pesquisa, (KAUARK, 2010).

Pretende-se realizar pesquisa de campo sobre o processo produtivo do arroz *mpam-pam* na ilha de Sogá. Isso inclui acompanhamento das famílias em algumas das etapas do cultivo e da colheita desta planta, no sentido de descrever as habilidades e técnicas do plantio. A pesquisa poderá incluir a possibilidade de acompanhar o plantio nas demais ilhas dos arredores, como Formosa, Rubane e Angoroman. Pretende-se, também, compreender as implicações nas diferentes aldeias da expansão dos cajueiros sobre as áreas tradicionalmente usadas para cultivo de *mpam-pam*. Para tal, serão realizadas entrevistas semi estruturadas com pessoas que praticam a cultura do *mpam-pam*, sejam os régulos responsáveis pela organização do processo produtivo e distribuição das terras, sejam as anciões que tradicionalmente participam do processo produtivo, bem como as mulheres que possuem centralidade nas etapas de produção.

Será utilizada câmera fotográfica para produção das imagens, tanto dos procesos produtivos junto aos agricultores e agricultoras, seja das paisagens da ilha, no sentido de captar suas transformações ao longo do tempo. Será também realizada pesquisa em material bibliográfico através do levantamento de livros, dissertações e artigos que abordaram assuntos relacionados ao plantio de arroz, extrativismo do caju e comercialização destes produtos em nível local e nacional.

6 CRONOGRAMA

SEMESTRES ETAPAS	2023.1	2023.2	2024.1	2024.2
Levantamento bibliográfico	X	X	X	
Fichamento da Bibliografia	X	X	X	
Pesquisa de Campo			X	
Análise dos Dados de Campo			X	
Redação do texto			X	X
Revisão e redação final				X
Apresentação de Monografia				X

REFERÊNCIAS

- BLATA, Iano Fogna. **O arroz como alimento base da população guineense: um estudo sobre seu cultivo e sua importância para o povo brasa**. Bacharelado em Humanidades, UNILAB, 2019. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1722/1/2019_proj_ianoblata.pdf. Acesso em: 04.06.2023.
- BOLAMA-BIJAGÓS, Arquipelago. **Sociedades Insulares**. 1996. NUPAUB-USP 1 apoio: Universidade da Bretanha e Cofecub. São Paulo, 30 / 31 jul.96 Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Claudio-Maretti/publication/271853410>. Acesso em: 05.11.2021.
- CANTO, Rafael Antunes do. **Os bijagós da Guiné-Bissau: ancestralidade, cultura marítima e resistência histórico-cultural**. Tese de doutorado, universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/213056> acesso em: 05.11.2021.
- CARDOSO, Augusto. **Administração Política e Saber Bijagós: uma perspectiva analítica de conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau**. Revista Brasileira de Administração Política, v. 6, n. 1, p. 71-71, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rebap/article/view/15576/10694>. Acesso em: 20.04.2023.
- CARDOSO, Augusto **Saberes e práticas tradicionais da etnia bijagós e suas relações com a organização, a gestão e a conservação da biodiversidade na guiné-bissau. 2010**. Dissertação de Mestrado em admistração, Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/7642/1/disserta%c3%a7%c3%a3o%2001.pdf>. Acesso em: 20.10.2021.
- CASSAMÁ, Joel Bacari Fernandes et al. **Análise do setor da pesca artesanal em Guiné Bissau: impactos e perspectivas**. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/184990/Monografia%20do%20Joel%200Cassam%c3%a1.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20.03.2023.
- DANSÓ, Iancuba. **Caju pode estar em extinção na Guiné-Bissau**. DW Notícias. Guiné Bissau. 05/04/2023. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/caju-pode-estar-em-extin%C3%A7%C3%A3o-na-guin%C3%A9-bissau/a-65240780#:~:text=A%20castanha%20de%20caju%20%C3%A9,o%20Vietname%20ou%20a%20%C3%8Dndia>. Acesso: 23.06.2023
- DESCOLA, Philippe. **Ecologia e cosmologia**. In: CASTRO, Edna; PINTON, Florence (org.). Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente. Belém: CEJUP, 1997. p. 234-261.
- DJALÓ, Amadu - **A descolonização do conhecimento: lógicas comunitárias de inclusão social e construção do conhecimento: a comunidade Bijagó e Huaorani**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2019. Dissertação de mestrado. 30-Dez-2019. Disponível em [www:http://hdl.handle.net/10071/19650](http://hdl.handle.net/10071/19650). . Acesso em: 20.04.2023.

FRANÇA, M.; BARBOSA, António Alcalá. **Agro-negócio do arroz na Guiné-Bissau. Trade and Investment Promotion Project (TIPS)—USAID**, 1995. Disponível em: https://pdf.usaid.gov/pdf_docs/pnabz842.pdf. Acesso em: 20.04.2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GÖRNE, Michael Georg. **S.O.G.A. Capacitar comunidades em Portugal e na Guiné-Bissau para a sustentabilidade**. Centro de Estudos Internacionais. Lisboa. 2019.

INDJAI, Bucar. **O saber local sobre a utilização das plantas medicinais na Área Marinha Protegida Comunitária da Ilhas Urok (Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau)**. 2017. Tese de Doutorado. Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/23211/1/Disserta%20a7%20a3o_Mestrado_ANC_Final_Indjai_2017.pdf. Acesso em: 09.11.2021.

KAUARK, F. Da Silva. **Metodologia da pesquisa: um guia prático**. Itabuna / Bahia, 2010.

MENDES FERNANDES, Raul. **O espaço e o tempo no sistema político Bidjogó**. Soronda, v. 8, p. 5-22, 1989.

NAVARES, Julio Flores. **O homem, a natureza e a educação: algumas interrogações filosóficas**. 2002. Programa de Pós-graduação em Educação (Campus de Campo Grande). Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/748>. Acesso em: 20.04.2023.

PRODANOV, C.C; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Edição, Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul – Brasil, 2013.

SANÓ, Lassana. **A Valorização o do conhecimento das mulheres sobre a gesta o tradicional das conchas no Arquipélago dos Bijagós**, 2020. Sociólogo. Disponível em: https://wli.wwt.org.uk/wpcontent/uploads/2020/12/relatorio_conchas_urok_paginacao_020218_ma-1.pdf. Acesso em: 20.04.2023.

SCHOLL, Camille Johann. **“O enigma bijagó”: saberes coloniais em disputa no centro de estudos da guiné portuguesa (1946-1967)**. Mestrado em história. Porto Alegre 2017.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Etnologia dos Bijagós da ilha de Bubaque**. Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991. Disponível em: <http://pascal-francis.inist.fr/vibad/index.php?action=getRecordDetail&idt=6516398>. Acesso em: 20.04.2023

SECA, Abdulai Ismail et al. **A expansão do cultivo do Caju e seus impactos ambientais e econômicos na Guiné-Bissau**. 2020. Universidade Federal do Amazonas Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/7904/12/Disserta%20a7%20a3o_AbdulaiSe Acesso em: 20.04.2023.

TEMPELS, Placide. **A filosofia bantu**. Tradução: Almeida A. Mingas e Zavoni ntondo. Faculdades de letras-UAN. Edição de Angola Lda. Março de 2016.

WIREDU, Kwasi. **Fundamentos morais de uma cultura africana. Pessoa e comunidade: estudos filosóficos ganenses**, v. 1, p. 192-206, 1992. Disponível em: <https://etica.uazuay.edu.ec/sites/etica.uazuay.edu.ec/files/public/Moral%20Reasoning%20A%20Text%20and%20Reader%20on%20Ethics%20and%20Contemporary%20Mor>. Acesso em: 04.06.2023.